

CODE-SWITCHING NA ORALIDADE EM COMUNIDADES DE FALANTES DE LÍNGUAS MINORITÁRIAS

GABRIELA WALLY GRIEP¹; BERNARDO KOLLING LIMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabywgriep@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – limberger.bernardo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Considerando que no mundo há aproximadamente 7.111 línguas (EBERHARD; GARY; CHARLES, 2019), é de se esperar que dentro de um mesmo território mais de uma língua possa circular. Isso pode advir de diversos fatores como imigração, colonização, razões econômicas ou sociais e outros. Sendo assim, esse contexto de contatos linguísticos pode propiciar diversos fenômenos, como o *code-switching* (CS). Segundo GUMPERZ (1982, p. 59) “o *code-switching* pode ser definido como a justaposição dentro de um mesmo discurso, de passagens de fala pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais diferentes”.

Esse fenômeno pode ocorrer em diversos contextos, como GARDNER-CHLOROS (2013, p. 188) aborda: “é uma suposição bastante segura dizer que alguns CS ocorrerão na maioria, senão em todas as situações. Ele pode ser encontrado entre comunidades de imigrantes, minorias regionais e grupos multilíngues nativos que se assemelham”. Assim, pode-se dizer que um dos espaços em que o CS pode ocorrer é em comunidades que usam línguas minoritárias (LM). Essas línguas, de acordo com ROMAINE (1994, p. 35), seriam aquelas que teriam “um número relativamente pequeno de falantes vivendo sob o mesmo domínio de uma língua mais amplamente falada, cujo conhecimento é geralmente necessário para a plena participação na comunidade”. (ROMAINE, 1994, p. 35).

Por ser um fenômeno muito rico e multifacetado, o CS é abordado em trabalhos que versam sobre temas diversos. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo verificar o estado da arte da pesquisa que envolve *code-switching* e línguas minoritárias, investigadas na oralidade. Com este trabalho, buscamos analisar estudos sobre o tema, de modo a identificar lacunas na pesquisa. Essas lacunas poderão ser preenchidas por uma pesquisa de mestrado, que está em fase inicial.

2. METODOLOGIA

A pesquisa pelos artigos que compõem esta revisão de literatura foi realizada na plataforma Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) utilizando as palavras-chave “*minority languages*” e “*code-switching*”. Para a pesquisa na plataforma, utilizou-se o campo “pesquisa avançada” e aplicaram-se os seguintes critérios para a seleção de artigos: (1) publicados nos últimos 20 anos; (2) sobre a temática do CS em contextos de oralidade e em comunidades de LM; (3) revisados por pares e (4) escritos em língua portuguesa ou língua inglesa. Não foram levados em conta artigos que tratassem de populações clínicas e falantes de língua de sinais, pois os processos de contato linguístico dessas populações envolvem outros fatores. Para a seleção dos artigos se fez primeiramente a leitura dos títulos e após, a leitura na íntegra dos textos.

Então, eles foram divididos em categorias de acordo com o tema de maior abrangência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Depois de os critérios serem aplicados, encontraram-se 508 artigos, dentre os quais 51 artigos foram selecionados a partir da leitura dos títulos. Em seguida, foi feita a leitura dos resumos, e foram selecionados 12 artigos. Após a leitura na íntegra dos textos, seis artigos foram excluídos, pois focavam a escrita e não a oralidade. No entanto, adicionaram-se mais três artigos que não apareceram nas estratégias de busca, mas estavam na nossa base de dados e se adequavam perfeitamente aos critérios de inclusão. Assim, nove artigos compõem a revisão.

Desse modo, os artigos foram categorizados de acordo com o tema de maior prevalência. E após essa etapa, foram organizados em quatro grandes áreas: Políticas Linguísticas, Sociolinguística, Estudos Estruturais e Psicolinguística. A distribuição dos artigos está descrita na figura a seguir:

Figura 1. Categorias de agrupamento dos artigos



Considerando o total de artigos encontrados, temos o maior número sobre as políticas linguísticas. Dentre eles, os assuntos abordados têm relação com decisões sobre escolhas linguísticas. No texto de Hannum (2019), que investigou questões relacionadas a como as escolas lidam com as LM, nos é apresentado que as políticas e a própria comunidade são a favor coabitação das duas línguas. Os resultados desse estudo mostram que o CS ocorre mais quando a língua em uso na sala de aula é a minoritária. E o estudo de Ogechi (2014) mostra que o uso apenas da língua majoritária na instrução nas aulas a partir do 4º ano não funciona tão bem como o idealizado, visto que o CS ocorre diversas vezes entre as duas línguas. Outro assunto abordado é como os professores refletem sobre as línguas e agem em suas práticas pedagógicas (PALVIAINEN *et al.*, 2016). Os autores verificaram que os professores usam as línguas flexivelmente e, por isso, usam CS sem restrições. E por fim, Plastina e Selvaggi (2017) tratam de como os falantes aceitam e usam a língua em dados contextos. Nesse estudo, o ambiente escolar não é o enfoque, porém, de semelhante modo à pesquisa de Hannum (2019), temos uma valorização do CS, mas é possível perceber uma discrepância entre as crenças e as práticas. Dessa forma, com estes estudos, podemos verificar boas decisões sobre uso de línguas minoritárias, sobretudo em contexto escolar, e alguns exemplos de falta de consonância entre as políticas linguísticas e a prática de uso das línguas.

Os estudos relacionados à sociolinguística abordam duas situações em que crianças interagem oralmente com adultos, um em contexto escolar, mas fora da sala de aula (CEKAITE; EVALDSSON, 2019), e o outro em contexto familiar (LIMBERGER; ZILLES, 2013). No primeiro texto, nos é apresentado que a interação entre as LM a partir do CS proporciona uma ampliação de espaços para o uso das LM de cada falante. No segundo estudo, podemos perceber que a interação, com CS, das crianças com os adultos estimula o uso da LM. Esses dois estudos nos

apresentam situações nas quais, por meio do CS, temos uma valorização das LM dentro de cada contexto.

No que tange aos estudos estruturais, foram encontrados dois textos que abordam aspectos gramaticais das línguas envolvidas no *code-switching*. O trabalho de Owens (2005) discute sobre as inserções lexicais na matriz linguística de falantes de mais de uma LM, visando verificar qual é o status matricial das línguas. No entanto, não foi possível verificar o status matricial, pois as línguas são usadas de maneira mesclada. O autor argumenta que é necessário produzir um estudo complementar para se obter mais resultados. Já no texto de Herkenneath (2011), busca-se investigar se uma criança consegue ter controle sobre a construção -DIK- (sufixo que indica uma oração relativa) da LM turco, e ver se o falante usa essa construção de forma produtiva. Foi identificado que a criança não produz a construção produtivamente, mas consegue compreendê-la, ou seja, pode-se dizer que ela usa a construção de forma receptiva. Por fim, sobre os estudos psicolinguísticos, temos o texto de Bosna e Blom (2018), que trata do controle cognitivo, ou seja, investiga se uma língua requer mais controle do que outra. Os resultados desse estudo sugerem que fazer CS da língua majoritária para a minoritária requer mais recursos cognitivos, porque essa prática não é comum no dia-a-dia dos bilíngues. Quando falam holandês, os falantes de frísio e holandês costumam usar somente a língua majoritária.

O conjunto de estudos encontrados é muito limitado. A maior parte das línguas faladas no mundo têm status minoritário. Apesar disso, poucos estudos em âmbito nacional e internacional abordam fenômenos de CS envolvendo essas línguas. Para dar conta da complexidade do CS, são necessárias mais pesquisas sobre decisões linguísticas, uso das línguas, estrutura do uso alternado entre línguas de *status* diferentes e, ainda, sobre recursos cognitivos demandados no CS em diversos contextos.

4. CONCLUSÕES

Com a presente revisão, é possível perceber que há mais estudos com enfoque nas políticas linguísticas. Isso pode ter relação com o fato de existirem muitas comunidades que convivem com o embate entre línguas majoritárias e minoritárias. Os contextos das comunidades de fala de línguas minoritárias é muito diversificado e, para a sua manutenção, devem-se conduzir estudos sobre políticas linguísticas.

Sobre os estudos estruturais e sociolinguísticos, há textos que tratam do CS e das LM, porém, deve haver mais pesquisas sobre o tema. De acordo com o que foi encontrado, esses enfoques ainda não foram tão explorados como no caso das políticas linguísticas. Já o enfoque psicolinguístico, pode-se dizer, há poucos estudos sobre as influências do CS em comunidades de LM, visto que apenas um artigo sobre a área foi encontrado. Esse campo abre espaço para futuras pesquisas, porque ainda não conhecemos os mecanismos psicolinguísticos envolvidos no CS. Tendo isso em mente, o presente estudo proporcionou uma visão para a produção de uma pesquisa para dissertação de mestrado. Por isso, o presente trabalho é o ponto de partida de uma pesquisa sobre o CS envolvendo o pomerano, uma LM, o português, a língua majoritária do Brasil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSMA, Evelyn; BLOM, Elma. A code-switching asymmetry in bilingual children: Code-switching from Dutch to Frisian requires more cognitive control than code-switching from Frisian to Dutch. **International Journal Of Bilingualism**, v.23, n. 6, p.1-17, 2018.

CEKAITE, Asta; EVALDSSON, Ann-carita. Stance and footing in multilingual play: Rescaling practices and heritage language use in a Swedish preschool. **Journal of Pragmatics**, v. 144, p. 127-140, 2019.

EBERHARD, David M., GARY F. Simons, and CHARLES D. Fennig (eds.). 2019. **Ethnologue: Languages of the World**. Twenty-second edition. Dallas, Texas: SIL International. Disponível em: <http://www.ethnologue.com>. Acesso em: 12 ago. 2019.

GARDNER-CHLOROS, Penelope. Contact and code-switching. In: HICKEY, Raymod. The handbook of language contact. Oxford: **Wiley Blackwell**, 2013. p. 188-207.

GUMPERZ, John J. **Conversational code switching**. Discourse Strategies. Cidade: Cambridge University Press, 1982.

HANNUM, Kathryn L. Language policy and practice between urban and rural schools in Galicia, Spain. **GeoJournal**, v. 84, n.2, p. 1-16, 2019.

HERKENRATH, Annette. Receptive multilingualism in an immigrant constellation: Examples from Turkish–German children’s language. **International Journal of Bilingualism**, v. 16, n. 3, p. 287-314, 2012.

LIMBERGER, Bernardo; ZILLES, Ana Maria Stahl. Narrativas bilíngues de mães e filhos de três anos: estilo, papéis interacionais e uso das línguas. **Fórum Linguístico**, v. 10, n. 1, p. 29-47, 2013.

OGECHI, Nathan Oyori. The role of foreign and indigenous languages in primary schools: The case of Kenya. **Stellenbosch Papers in Linguistics Plus**, v. 38, n. 1, p.143-158, 2012.

OWENS, Jonathan. Hierarchicalized matrices: codeswitching among urban Nigerian Arabs. **Linguistics**, v. 43, n. 5, p. 957-994, 2005.

PALVIAINEN, Åsa et al. Two languages in the air: a cross-cultural comparison of preschool teachers’ reflections on their flexible bilingual practices. **International Journal of Bilingual Education and Bilingualism**, v. 19, n. 6, p. 614-630, 2016.

PLASTINA, Anna Franca; SELVAGGI, Dino. The democratic language policy of plurilingual code-switching: A comparative study across minority language communities. **Rasprave Instituta Za Hrvatski Jezik I Jezikoslovlje**, v. 43, n. 1, p.181-195, 2017.

ROMAINE, Suzanne. Language in Society: **An Introduction to Sociolinguistics**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 1994.